

# Cinco dias entre trilha e mar

A Reserva da Juatinga, ao sul de Paraty (RJ), é o berço do navegador Amyr Klink.

É um roteiro de aventura a céu aberto

Texto | Manoela Penna

Fotos | Alexandre Cappi

Uma hora de caminhada e a praia do Sono se descortina





“Um dia é preciso parar de sonhar e, de algum modo, partir.” A frase, de Amyr Klink, é uma das muitas do livro *Cem Dias Entre Céu e Mar* que marcaram a minha adolescência. A possibilidade de deixar o sofá para trás e remar solitária em direção ao oceano incógnito mexia com a minha cabeça. Só para ajudar, ao contrário da maioria dos outros leitores, eu convivi com o autor. Amyr, amigo de minha família, fazia visitas regulares à nossa casa em Paraty-Mirim, no litoral sul do Rio de Janeiro. Naquela época, ainda garotinha, meu horizonte não passava dos dois quilômetros que separam o píer da ilhota da Cotia, ali do outro lado da baía. O suficiente para aguçar meu espírito aventureiro.

Acabei não partindo para uma viagem de 100 dias no mar. Resolvi, ao menos por enquanto, botar o caiaque na água no quintal de casa e percorrer um desafiante trajeto de 100 quilômetros como integrante da Expedição Juatinga, uma jornada de cinco dias de remadas e caminhadas ao redor

da Reserva da Juatinga, em Paraty. Como sempre, influenciada pelos ensinamentos de Amyr Klink: “Não sou aventureiro. Para fazer as viagens que faço, na verdade, é preciso muito planejamento”. Sonho e logística. Essa combinação, repassada por ele e partilhada com meus companheiros de aventura, pode não ter nos rendido um livro, mas garantiu uma boa história.

Unir um grupo de amigos com níveis próximos de aptidão técnica, preparo físico, astral e disponibilidade de tempo é sempre o primeiro desafio. A expedição começou já na véspera. Às voltas com equipamentos, comidas e caiaques, nosso grupo embarcou de corpo e alma na preparação dos detalhes da viagem. Durante os próximos cinco dias, iríamos percorrer obstáculos variados, entre trekking (uma modalidade mais intensa de caminhada) e caiaque, a partir de Paraty-Mirim (veja no mapa abaixo). Definimos as modalidades e trechos com cuidado, e decidimos encerrar a remada antes da ponta da Juatinga, uma

## Água e montanha

Durante cinco dias, a expedição percorreu 100 quilômetros. Os meios de deslocamento foram dois: trekking e caiaque, com partida em Paraty-Mirim e passagens por saco do Mamanguá, Pousa da Cajaíba, Martim de Sá, praia do Sono,

até retornar ao ponto de partida pelo fundo do Mamanguá, cortando a comunidade caiçara do Corupira. A ponta da Juatinga foi contornada a pé em função da difícil navegação nas águas turbulentas.





A remada no saco do Mamangá (*abaixo*) revela a floresta preservada a partir de uma perspectiva exclusiva de quem viaja embarcado. Nas praias (*acima*), pescadores e aventureiros se misturam



A praia da Sumaca é conhecida por ter mar azul e areia fina. Menos famosas, as rochas no canto da praia servem para a escalada

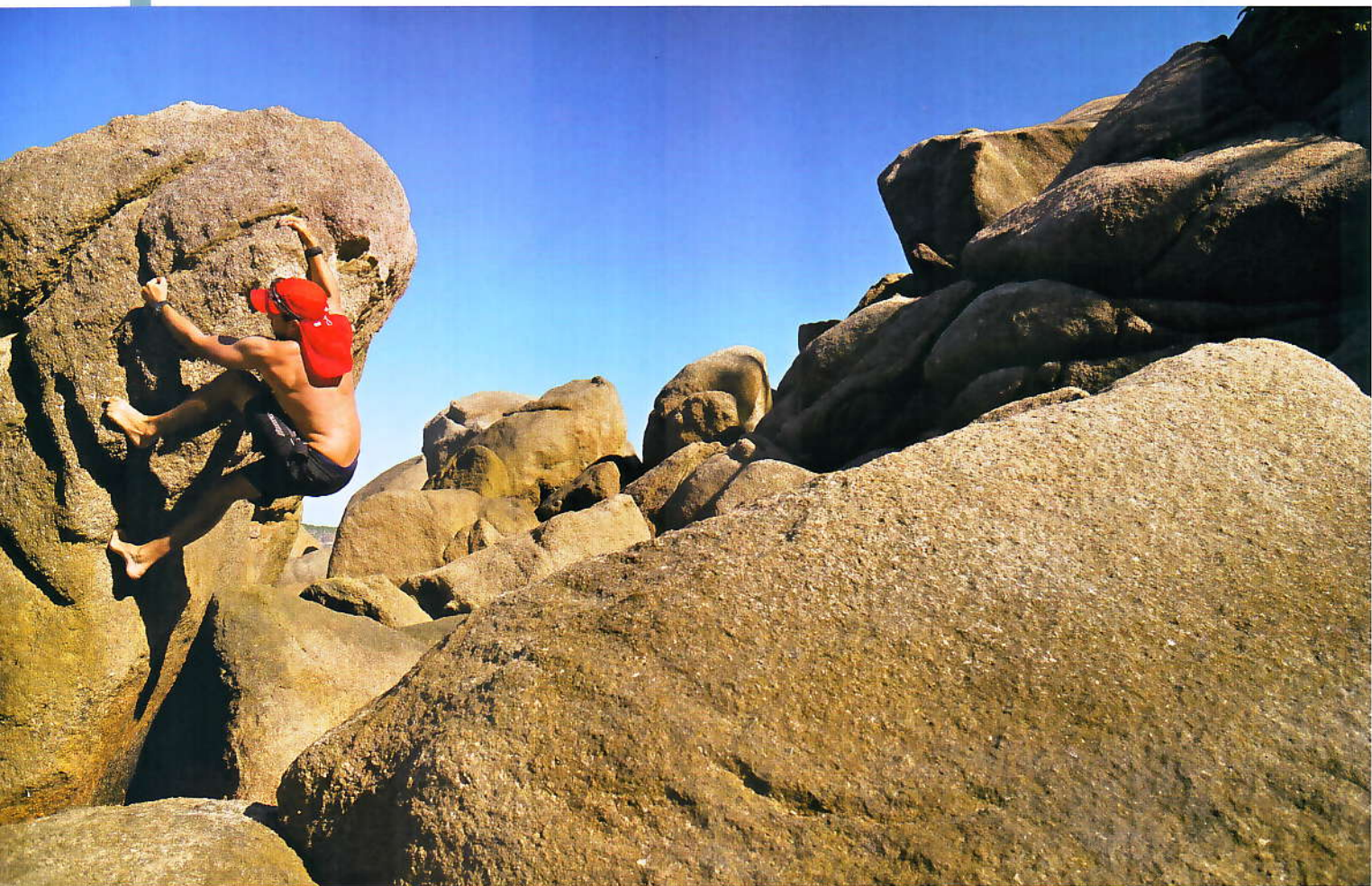
conhecida zona de mar agitado, apelidada, inclusive, de Cabo Horn Brasileiro, em referência ao ponto no extremo sul do continente americano que é um pesadelo para os navegadores. Naquele trecho específico, optamos por largar os remos e usar os pés, até recuperar os caiaques para, então, encerrar a viagem por mar.

Zarpamos cedo em três caiaques duplos oceânicos. O mar estava calmo e o sol forte fazia brilhar o verde da Mata Atlântica. Na água clara, as tartarugas pareciam bailar em um cenário cor de esmeralda. Decidimos parar em cada praia da costeira, já que levávamos quase nada de equipamento. Deixamos as mochilas para serem entregues por barqueiros no Pouso da Cajaíba, nosso destino final. Também não levamos barracas: a ideia era dormir em casas de pescadores nas comunidades caiçaras. Para comer, faríamos o que chamamos de “degustação de prato-feito” nos simpáticos e modestos restaurantes locais.

Ou seja, partimos desprovidos de barracas ou comida desidratada. Apenas dinheiro vivo e bastante disposição.

No vaivém de lanchas e canoas pelo saco do Mamanguá, o único fiorde (entrada de mar entre montanhas) brasileiro, rasgamos a água até o manguezal, oito quilômetros adentro. Ali, entre as encostas das montanhas, o colorido vermelho-amarelo dos caranguejos contrasta com a vegetação típica do mangue, salpicada por bromélias. Quase dois quilômetros rio acima, deixamos os barcos e seguimos por uma trilha leve, de 15 minutos, até o banho de água fresca em uma cachoeira.

Já mortos de fome chegamos à praia do Cruzeiro, aos pés do pico do Pão de Açúcar, onde vivem 20 famílias. Filho de uma antiga parteira do saco do Mamanguá e artesão de mão cheia, “seu Preá” nos acolheu em seu quintal à beira-mar, entre remos e barcos de madeira caixeta. Depois do jantar no bar do Cruzeiro, em que dona Roseli fritou



com esmero a cavala e as lulas pescadas há pouco pelo marido, “seu Maneco”, combinamos o café da manhã improvisado ali mesmo, às 7 horas do dia seguinte, para enfim encarar a remada atravessando a ponta da Cajaíba.

Saciados por aipim cozido, banana e ovo caipira mexido, deixamos o bar do Cruzeiro para trás sob o silêncio da alvorada. Sabíamos que aquele tranquilo mar de azeite não nos brindaria por muito tempo, já que a previsão indicava a entrada de um vento leste a partir das 9 horas.

E foi só fazer a curva para entrarmos em um gigantesco liquidificador. As ondulações batiam com fúria no costão rochoso e voltavam para cima dos caiaques – altas doses de emoção acrescidas à travessia. Dá para dizer que “surfamos” até chegar às águas abrigadas da praia Grande da Cajaíba, na qual nos aguardavam nossas primeiras metas: banho de cachoeira e pastel de lula no Rancho da Jandira, um quiosque na praia. De lá, seguimos – ainda chacoalhando – para o Pouso da Cajaíba, onde havíamos marcado encontro às 16 horas com nossas mochilas, trazidas de lancha.

### Águas claras, capim alto

A caminhada de pouco mais de uma hora até a praia Martim de Sá é deslumbrante. Em meio a vastos palmeirais, samambaias e embaúbas, o caminho serpenteia por um vale extenso até chegar ao portão da propriedade de seu Maneco. Ali, jantamos sob o céu estrelado.

No terceiro dia em Martim de Sá, caminhamos até a Sumaca, uma praia pequena de águas azuis translúcidas cercada por paredões de pedra, quase ao lado da ponta da Juatinga. Seguindo recomendação de seu Maneco, fomos de barco com Cláudio (um de seus filhos) e voltamos por uma das mais bem sinalizadas trilhas da região. “Vocês vão me agradecer. Com o sol de hoje, aquela roça de capim lá no alto vira uma coisa horrível de atravessar.” Não deu outra.



Para chegar à comunidade da ponta Negra, no dia seguinte, dividimos o grupo em dois. Uma dupla foi por terra, em uma trilha dura e de difícil navegação na base do pico do Cairuçu, que tem 1 070 metros de altitude. Os quatro restantes – eu entre eles – acionaram mais uma vez o Cláudio para contornar de barco o imponente paredão de pedra e chegar ao vilarejo. Dali, partiríamos à praia do Sono, o trecho mais bonito e divertido da expedição.

São quatro praias de águas cristalinas, areia branca e quase nenhuma onda. Definimos que, depois de dias de esforço

Todos os dias seu Maneco tenta a sorte com os peixes. Em poucos lugares do Sudeste as comunidades caiçaras preservam tanto as suas tradições como na Juatinga



Cachoeiras de água limpa escorrem pelos aclives do terreno (acima). O morro do Pão de Açúcar (acima, à direita) é um cartão-postal regional

contínuo, o esporte oficial do momento seria boiar. Trilhas curtas e fáceis e, por isso mesmo, movimentadas, ligam as praias de Galhetas (com sua bela cachoeira), Antiguinhos, Antigos e Sono. O trecho entre as duas últimas, porém, termina em um barranco desgastado pela erosão. Ao mesmo tempo em que proporciona uma linda vista para a maior praia local (Sono, com 1,3 quilômetro de extensão), também exige das pernas, ainda mais com mochilas nas costas.

Na praia do Sono, estima-se em 10 mil o número de visitantes em datas como o ano-novo. Alvo recente de ordenamento

turístico pelo Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro (INEA), assim como Trindade e Martim de Sá, o lugar é um misto de comunidade tradicional com *frisson* turístico. Enquanto meninos jogam futebol no pôr-do-sol, barqueiros vendem passeios até as praias vizinhas. Ao lado de campings rústicos, moradores locais já constroem simpáticas pousadinhas. Como nós seis passamos dos 30 anos, achamos melhor ficar com a segunda opção, com direito a banho quente, ventilador e varal para roupas molhadas (depois de comer o melhor prato-feito dos últimos quatro dias).



Depois de um sono reconfortante, a manhã do último dia foi provida de pão com ovo (clássico do café da manhã em todas as comunidades) e bolo de cenoura. Partimos sem pressa para o último trecho. O sobe e desce entre Sono e Vila Oratório é usado por caiaçaras e turistas todos os dias e, por isso mesmo, é bem cuidado (com escadas, corrimão e placas). Não chega a engarrafar, mas o riacho no meio do caminho é concorrido.

Recuperamos os caiaques. Outra vez na água, contornamos as curvas do costão do Mamangá, parando vez ou outra para um mergulho refrescante. Ao avistar

a igrejinha de Nossa Senhora da Conceição, a mais antiga de Paraty, iluminada pelos últimos raios de sol daquele dia de verão, recordei Amyr chegando com seu barco Paratii na baía de Jurumirim: “Um homem precisa viajar por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou televisão. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu”.

Acesse [horizontegeografico.com.br](http://horizontegeografico.com.br) e descubra como chegar e onde ficar na cidade de Paraty e arredores.